

Francisco de Oliveira, a coragem da crítica radical

Francisco de Oliveira, the courage of the radical critique

Cibele Saliba Rizek*

Quantos alunos, mestres e doutores formados sob a orientação de Francisco de Oliveira, Chico como o chamamos, quantos de seus leitores gostariam de homenageá-lo, quantos gostariam de estar no meu lugar! Sem dúvida o porte de sua intransigência crítica, sua capacidade de ler sob a opacidade das aparências a espessura dos processos sociais e políticos é sempre um apelo ao pensamento e serviu de guia e cifra para gerações de cientistas sociais. Seus textos tiveram assim um comprometimento imprescindível com o momento em que foram escritos e com a formação de quem quer que se dispusesse a entender o Brasil. São textos que revelam – e algumas dessas revelações nos remetem para um estado de alerta que aponta oscilações, reposições e rebaixamentos – novas e inusitadas formas de dominação repostas ali mesmo onde se prometia alguma emancipação, onde se vislumbrava alguma esperança. Socialismo rigoroso, crítica atenta, Chico mostrou muitas vezes laços e ligações perigosas entre as promessas da história brasileira e seu encolhimento, no que chamou em texto dos anos noventa de Trabalhos de Sísifo do percurso dos dominados.

Atravessou tempos sombrios e a eles reagiu com a veemência que o caracteriza. Algo da “voz das ruas” que hoje ganha noticiários e discussões parece ecoar algumas de suas enunciações precoces sobre os rumos da política brasileira: por um lado, a questão e o problema intelectual e político dos fundos públicos e sua destinação, a luta por sua apropriação;

.....
* Cientista social, livre docente pela Universidade de São Paulo, professora do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Escola de Engenharia de São Carlos e pesquisadora do Centro de Estudos dos Direitos da Cidadania (CEDIC) – ambos da Universidade de São Paulo. *Correspondência:* E-mail: <cibelelr@uol.com.br>.

por outro, para além de toda opacidade, a enorme insatisfação de massa, sem direção política clara, vagando pelas manifestações das cidades brasileiras e trazendo como resultado um quadro de indeterminações, um truncamento entre a experiência de classe e sua impossibilidade de constituição como sujeito político. “Todo otimista é um pessimista mal informado”, avisava Chico durante os debates do CENEDIC, que ele criou com outros pesquisadores e alimentou com sua perspicácia. Fundos públicos e luta por direitos, regulação e contenção da ação nua e crua do capital, a imperiosa necessidade de domesticação de um capitalismo cada vez mais autônomo e ao mesmo tempo associado (ainda que caiba a pergunta sobre a qual centro se associa), a dramática configuração contemporânea de classes que não podem se tornar sujeitos políticos plenos, a impossibilidade e a opacidade de conformação política das classes em uma era de indeterminação, os duros tempos de uma representação de classes truncada, deslizamentos de todos os tipos, um Estado-Nação que vai se tornando indeterminado (nem mais plenamente Estado, nem Nação, uma região do planeta? Perguntou Roberto Schwarz no prefácio de “*O Ornitorrinco*”) nem preso ao passado nem mais aberto ao futuro. Esse quadro recebeu de Chico de Oliveira algumas das suas melhores formulações. Algumas delas merecem ser recuperadas: um desajeitado ornitorrinco trinta anos depois da *Crítica à Razão Dualista*, uma ordem econômica e política em situação de desmanche, conforme a expressão tantas vezes repetidas do mesmo Roberto Schwarz, uma hegemonia posta em curso às avessas, essas formulações apontam para um pensamento que buscou dar conta das urgências de cada momento presente. Chico é um pensador desses momentos presentes; como afirmou Gabriel Cohn, Chico é um pensador contemporâneo, que sai em busca de compreender, de captar o sentido recôndito de cada instante fazendo-o revelar-se. Foi assim na *Crítica da Razão Dualista*, discutindo a economia e a política da dominação no contraponto à ideia que identificava no Golpe de 1964 uma revolução burguesa. Foi assim na elaboração da metáfora do *Ornitorrinco*, bem como na reflexão sobre a indeterminação, mas por certo foi e é assim quando normalidade e exceção se mesclam e entremeiam nas ruas, no cotidiano, na face institucional e parlamentar da política brasileira. Cabe lembrar nesse diapasão tanto *O Estado e o Urbano no Brasil*, como *O Urbano e o Estado de Exceção* – pouco mais de 20 anos depois.

Esse pensar como urgência do presente requer, por sua vez, não apenas uma precisão da crítica – como faca amolada que mostra entranha e carne, mas um arsenal construído com uma mistura rara de leitura e sensibilidade. Francisco de Oliveira faz valer em seus textos uma crítica alimentada por leituras e por um conjunto de interlocuções com parceiros, amigos, intérpretes, cujo espectro é de amplitude considerável. Chico dialogou, por dever de ofício mas também por generosidade e por um intenso sentimento de amizade – vivida como virtude política, com o corpo teórico do

marxismo ocidental, assim como com os autores que ousaram tentar compreender o Brasil. Por certo Gilberto Freyre, Sergio Buarque e Celso Furtado, leituras que fundam algumas das mais potentes interpretações sobre o enigma brasileiro, mas também com perspectivas críticas formuladas por autores e interlocutores que frequentemente propuseram novos desafios. Dialogou então com Paulo Singer e Roberto Schwarz, com Paulo Arantes, com Luiz Werneck Vianna, bem como com Carlos Nelson Coutinho (com saudade e com admiração); discutiu com Ricardo Antunes; mas também se deixou muitas vezes envenenar com as perspectivas e questões de Maria Célia Paoli discutindo – nossas velhas discussões sobre otimismo e pessimismo quando nos aproximávamos do período lulista da política brasileira, no âmbito do CENEDIC. Leu e discutiu E. P. Thompson e os autores da Escola de Frankfurt e tantos outros, na construção das perspectivas críticas e das tensões e contradições do capitalismo brasileiro contemporâneo, formando e arguindo jovens pesquisadores. Dialogou e discutiu com Laymert Garcia dos Santos, cuja reflexão foi sempre instigante e inovadora, além de Leda Paulani e, mais recentemente, Ruy Braga e André Singer.

Esse espectro de diálogos e de contrapontos, às vezes de discordâncias severas, às vezes de crítica impiedosa e rigorosa, não poderia ser tributado apenas a uma dimensão geracional. É muito mais do que isso. É uma rara virtude política – a virtude da possibilidade da palavra e do seu lugar na universidade brasileira. Palavras e reflexões que permitem cruzamentos e diálogos entre matrizes clássicas e contemporâneas na exigência de pensar o presente e pensá-lo na sua radicalidade. Quanto à universidade, um episódio poderia ilustrar seu lugar e seu papel. Quando por iniciativa de Nabil Bonduki, Chico deveria receber o título de cidadão paulistano, fui encarregada de perguntar se o aceitava e se poderíamos realizar um seminário discutindo e rediscutindo, no início da era Lula – os trinta anos da Crítica da Razão Dualista. Chico aceitou, mas havia condições: só receberia o título se o cerimonial concordasse em fazer uma cerimônia dentro da Universidade de São Paulo, ao término de alguns dias de discussão em seminário organizado pelo CENEDIC. Foi então lá – no auditório do prédio da História e Geografia, no âmbito da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas que se tornou cidadão honorário da cidade de São Paulo.

Um Chico sem pompa, um Chico que aparece na mistura curiosa da mais absoluta simplicidade com a mais elaborada sofisticação intelectual, um Chico que é ao mesmo tempo rigor e solidariedade, se impôs como um grande intérprete do Brasil, de sua história, de seu presente. A riqueza de seu olhar talvez venha de um lugar que o próprio Chico elegeu como seu, tal como nos relata:

“Eu não sou principalmente um cientista político, nem sequer um cientista. O tom que parece amargurado é o de um militante, pois me interessa profundamente a resolução e a ultrapassagem do Or-

nitorrinco [...] nessa crítica ácida há um toque de nostalgia antecipado do que poderia ser e parece que não será. Por isso a urgência de uma teoria crítica radical”.

Nostalgia e reconhecimento de perdas, trabalho de luto – talvez no plural – a consciência do tempo presente como explicitação dessas perdas que talvez sejam irrecuperáveis, consciência do que poderia ter sido, talvez essa dimensão tão caracteristicamente moderna, lembre a interpretação de E. P. Thompson sobre a formação da classe trabalhadora, uma classe que só se constituiu porque lutou, uma classe que se fez pela configuração clara daquilo que se perdera em seu próprio fazer-se. Dessa perspectiva, como testemunha das urgências de cada momento presente, a crítica radical de Francisco de Oliveira pode ser considerada a consciência daquilo que se perdeu, sem que jamais tivéssemos de fato, tido inteiramente: a perda de um horizonte, ou como mencionei em outro lugar, a consciência de passagens truncadas, de portas que apenas se anunciaram sem nunca chegarem a se abrir, de pontes que afinal não transpuseram obstáculos e vazios.

Em meio a perdas, um conjunto de ganhos: clareza das indeterminações do presente, clareza dos processos que marcaram nossa formação e seu término, clareza também da exceção de cada dia, vestida de normalidade. Devemos ao velho mestre Chico de Oliveira, uma reflexão crítica muitas vezes configurada como impiedosa. Mas muitos de nós também devemos a doçura e a intensidade da lealdade e da amizade.